

MALYSSE, Stéphane. *Diário acadêmico*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2008, 149 pp.

Solipsismos, antropologias e halteres

Juvenal Savian Filho

Professor do Curso de Graduação em Filosofia
da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/EPM)

O solipsismo (do latim *solus-*, “só”, + *ipse*, “mesmo”, + o sufixo *ismo*) é a consequência extrema de se acreditar que o conhecimento deve estar fundado em estados de experiência interiores e pessoais, não se conseguindo estabelecer uma relação direta entre esses estados e o conhecimento objetivo de algo para além deles. Equivaleria à idéia do Eu como única realidade; tudo o mais não teria existência em si, ou, pelo menos, tal existência não poderia ser comprovada. A ilusão do mundo, então, incluindo as outras pessoas, seria uma projeção da mente ou uma visão de antropólogo.

O solipsismo do próprio corpo é o tema do *Diário acadêmico* de Stéphane Malysse, cuja escrita, aparentemente simples, oculta um duplo e intrigante movimento: por um lado, com um estilo que transparece a repetição muscular do próprio Malysse, sente-se o cansaço de quando ele se arrasta para chegar à academia da rua Angélica; por outro, com o vôo livre de sua mente, sente-se também a força positiva com que ele fala de sua vida interior, a vida do pensamento, tonificada em outra Academia.

Com efeito, o livro retrata duas séries distintas de exercícios. Decorridos dez anos de sua pesquisa doutoral, no Rio de Janeiro, onde estu-

dou o que ele chama de corpolatria carioca, Malysse retomou essa mesma temática, em 2006, não mais na condição de observador, e sim, de participante, decidindo entrar para uma academia paulistana, a *Runner Body and Mind*, a fim de fazer a experiência de muscular-se. Não, porém, sem os referenciais antropológicos consagrados pela outra Academia. Assumiu, portanto, a condição de um pesquisador consciente e explicitamente comprometido com o objeto de pesquisa, tornando-se, na prática, sujeito-objeto, antropólogo do antropólogo. Porém, se, no Rio de Janeiro, Malysse frequentara a academia sem usar pesos nas máquinas – apenas para ter acesso ao universo dos malhadores –, ao contrário, em São Paulo, ele mergulhou *comme il fallait* nas séries intermináveis das atividades de auto-esculturação.

É essa experiência que Malysse narra em seu diário de antropólogo duplamente acadêmico, levantando halteres com a força de inspirações que se poderiam simbolizar por duas obras fundamentais: o *Diário de etnógrafo*, escrito por Malinowski, em seu trabalho com a tribo dos Mailus, na Nova Guiné (1914-1918), e *A construção de um corpo pornográfico*, de Nathalie Gassel, fisiculturista belga, ex-campeã de boxe tailandês. Com o primeiro, Malysse aprende a passar de observador a observável, “desmascarando-se a si mesmo” (*sic*); na segunda, ele encontra uma “musa muscular” (*sic*), a chave de leitura do mundo do corpo. Ela, mulher, vai encaminhá-lo a ele, homem, por meio de uma discussão de antropologia do gênero (muscular) que vira uma luta literária no ringue da Academia.

Assim, a partir de um conjunto explícito de referenciais antropológicos, filosóficos e literários, dá-se um movimento narrativo que, curiosamente, em vez de fazer transparecer algum dinamismo acadêmico, registra, ao contrário, um anti-movimento, a série monótona dos fracassos obtidos durante os seis meses em que o sujeito-objeto submeteu-se à musculação, sem ter chegado, praticamente nunca, ao final de uma sé-

rie inteira de exercícios, aliviando o leitor da sua própria má-fé e provocando uma série de risos intermitentes.

A causa dos fracassos? A resistência implacável de Malysse à escultura muscular de si, inclusive porque sua constituição física já lhe comprazia e não requeria nenhum tipo de inflação. Some-se a isso o fato de ele não engolir a idéia de modelar-se para obter alguma elevação social ou sexual (das quais não necessitava) e o leitor não hesitará a perguntar pelo porquê de ele se haver matriculado num Calvário. À parte as razões antropológicas, psicológicas, teóricas (aliás, bem alinhavadas no *Diário*) e tudo que as fazem valer, algo parece ainda mais intrigante: na contrapartida da subida dolorosa da academia, Malysse revela uma força interior inquestionável, uma atividade mental que o faz desfilar, aos olhos de quem o lê, análises certamente precisas não apenas dos seus companheiros de halteres, mas também de seus próprios estados emocionais. Tem-se a impressão de que é sua mente que entra no ritmo dos aparelhos, levantando muito mais quilos e mostrando-se mais vigorosa do que seu corpo; afinal, em vez de estiramentos musculares, o que vemos são reflexões, ironias, tédios, irritações, pequenos diálogos, insistências e resistências (mentais), e, de vez em quando, um aparelho ou outro entrando em cena.

Algum autor desarvorado, em nossos tempos, falou de “mística do esporte”, empobrecendo, é óbvio, o termo “mística” – um dos mais ricos de nosso patrimônio lingüístico –, justamente para designar, num eufemismo, o entorpecimento causado pelos músculos. O solipsismo de Malysse tê-lo-á salvado de um tal entorpecimento? Seja como for, parece ser um solipsismo acadêmico a razão de sua lucidez ao falar de sua experiência interior. Mas, será também um solipsismo a causa de Malysse referir-se ao seu corpo como algo que ele “tem” e não como aquilo que ele “é”? Seu pensamento voa livre; mas separado do corpo.

O leitor fica a desejar um segundo *round*, em que o pesquisador-pesquisado, o sujeito-objeto, descreva uma experiência de unidade, narrando o que ele vive ao assumir-se numa existência unitariamente psíquico-corpórea. Como o seu conterrâneo do século XVII escapou da acusação de solipsismo epistemológico, Malysse também crerá na necessidade de escapar a algo como um dualismo cartesiano, vivido, porém, à maneira de pós-moderno?